

AVIADOR

23 DE OUTUBRO · DIA DO AVIADOR



OUTUBRO 2020 | GUIA PLANCK | EDIÇÃO 27

1º voo do
14-BIS

Napoletano
AÉREO

sessão
CINEAIR

NESTA EDIÇÃO

PAGE 3

NOTA DO EDITOR

A ligação pessoal com o mundo da aviação.

PAGE 4

HISTÓRIA DA AVIAÇÃO

Como um garoto do Interior de Minas Gerais colocou o Brasil na história da aviação.

PAGE 6

A DONA DOS ARES

Entrevista exclusiva com a Pilota Fabíola Castro, contando um pouco da sua história na aviação.

PAGE 9

NAPOLETANO: O FASCÍNIO PELO AR

O estudante Andrei Guerra retorna as nossas páginas com mais informações sobre a sétima arte e a aviação.

PAGE 13

CINEAIR

Filmes e Série sobre o mundo da aviação.





NOTA

OUTUBRO • 2020
GUIA PLANCK
EDIÇÃO 27

DO EDITOR

Como o contador de histórias, o tema desta se revela muito próximo da minha vida. Calma, não sou piloto, nem filho de um ou uma, mas a minha ligação com a data existe desde o meu nascimento, pois foi em uma quarta-feira, dia 23 de outubro, que eu vim ao mundo. E como a maior parte das pessoas, sempre pesquisei e me mantive próximo ao tema desta data.

A proximidade não para na data, pois quando criança estudei em uma escola localizada em um parque que leva o nome do pai da aviação, Parque Santos Dumont. Com réplicas de aeronaves e foguetes, fiquei encantado em uma atividades que pudemos entrar e "viajar" no 3ª protótipo do EMB-100, ou mais conhecido como "Bandeirante", que até hoje está exposto para toda a população.

Apesar desta proximidade, a minha primeira viagem de avião ocorreu apenas quando eu tinha 19 anos, graças a um presente recebido de um grande amigo. Depois disto, já foram diversas viagens. Confesso que o medo ainda permanece, mas o fascínio pela aviação (as fotos ao lado são do meu arquivo pessoal) e a alegria de poder conhecer o mundo são maiores, ainda mais sabendo do papel do Brasil na aviação!



Leonardo Lobo
Coordenador de Educação Física e Esportes



A HISTÓRIA DA AVIAÇÃO

O motivo que deu origem as comemorações do dia do aviador ocorreu em terras bem distantes, para ser mais exato, foi no campo de Bagatelle, em Paris e tem haver com o início da aviação.

Tudo começou com o 6º filho de Henrique e Francisca Dumont. O pequeno menino, que sempre se encantou com os voos dos pássaros, em 1892 foi estudar em Paris e em 1898 fez o Brasil voar. Calma que esta ainda não é a data do voo do primeiro avião. Brasil era o nome do seu primeiro balão. E depois do Brasil, Alberto começou a

numerar seus balões.

Com o balão nº6, em 19 de outubro de 1901, Alberto conquistou o Prêmio Deutsch de la Meurthe, após conseguir realizar um percurso, que consistia em percorrer um determinado caminho, contornar a Torre Eiffel e retornar em menos de 30 minutos. Segundo relatos, Alberto Santos Dumont, após receber a premiação, repartiu o prêmio de cem mil francos, dando metade para sua equipe e a outra metade para os pobres de Paris.

Alberto agora queria conquistar o prêmio

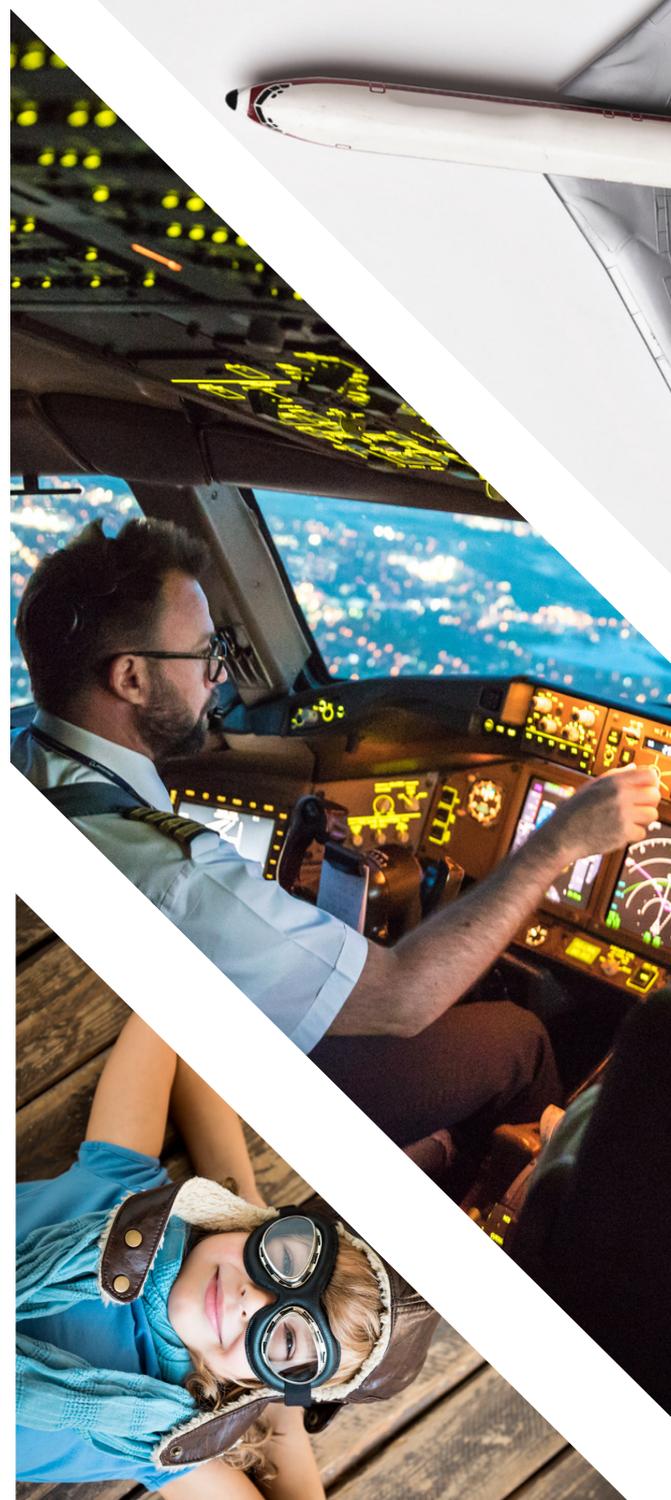
Archdeacon, lançado em 15 de setembro de 1904. A recompensa consistia em uma premiação de 200 mil francos para quem conseguisse fazer uma máquina mais pesada que o ar sobrevoar uma altura mínima de 25 metros, em um percurso controlado e com o ângulo de queda inferior a 14 graus. Para tentar esta conquista, Dumont construiu diversos protótipos. Como podia contar com o auxílio de um balão, ele utilizou o nº14, por isto o nome 14-bis. Uma observação, após alguns testes o balão foi retirado, mas o nome foi mantido, apesar da imprensa francesa ter batizado o modelo de *Oiseau de Prooie* (Ave de Rapina).

Até que no dia 23 de outubro de 1906, no campo de Bagatelle, na capital francesa, com mais de 1000 expectadores, entre curiosos e representantes da imprensa internacional, o 14-bis voou mais de 60 metros. A emoção foi tanta que a comissão responsável esqueceu de cronometrar o tempo de voo, que por este motivo teve que ser repetido em 12 de novembro do mesmo ano, anotando 220 metros em um voo de 21 segundos.

Santos Dumont ainda iria construir outra beleza de máquina: o *Demoiselle*, seu último avião, reconhecido pela sua beleza, elegância e beleza, sendo que pesava aproximadamente 120 quilos, contando com os 50 do piloto.

Alberto Santos Dumont nasceu na cidade de Palmira, que em 1932 passou-se a chamar Santos Dumont e foi a primeira cidade do Brasil a celebrar o Dia do Aviador, em 1936.

A nossa cidade tem uma ligação direta com a história da aviação, pois foi nos solos joseenses que "nasceu" a empresa líder no setor de aviação regional, a EMBRAER. E para preparar este nascimento, foi construído o Instituto Tecnológico de Aeronáutica, o ITA.



Atualmente, segundo a Embraer, a cada 10 segundos existe um avião legitimamente brasileiro decolando em alguma pista do planeta e anualmente aproximadamente 145 milhões de pessoas se deslocam pelos céus dentro de alguns destes aviões.

Outra curiosidade é que no dia 23 de outubro também é comemorado o Dia da Força Aérea Brasileira.



A DONA DOS ARES

ENTREVISTA COM FABÍOLA CASTRO

Em uma edição comemorativa ao Dia dos Aviadores não poderíamos deixar de ouvir a voz de quem nos leva nos braços pelos ares deste mundo. Para representar a voz dos aviadores, temos a presença da Pilota Fabíola de Castro Silva. Com anos de experiência, ela já voou pelos 5 continentes e nos apresentou com um bate-papo sobre algumas histórias do que acontece na vida de uma piloto profissional.

GP - Na aviação comercial brasileira, apenas 2% dos postos são ocupados por mulheres. Como foi que uma menina de Apucarana, interior do Paraná, que brincava com aviões de brinquedo na infância, se tornou uma piloto com tantas histórias e experiência?

FC - Desde muito pequena eu sonhei com isso. Eu sonhei em ser piloto, o céu era meu sonho. Na verdade, esses aviõezinhos de metal vieram numa caixa de carrinho de fricção do meu irmão mais velho e ele queria os carrinhos. Lógico que ele não queria os aviões, então eles ficaram para mim e eu já comecei me apaixonar por isso. Naquela época era diferente de hoje, pois não tinha tanta informação e acesso à aviação, mas eu comecei a me apaixonar. Depois, próximo aos meus sete anos, eu fui assistir a uma apresentação da esquadilha da fumaça que teve em Londrina, no interior do Paraná, e fiquei encantada com aqueles aviões, os Tucanos e com os uniformes, os macacões azuis. Depois disso, quando eu estava no meu terceiro colegial, meu pai me mostrou um recorte de jornal, sobre o primeiro vestibular da AFA (Academia da Força Aérea) para mulheres. Eu tentei algumas vezes, mas sem sucesso. Naquele tempo não tinha curso preparatório para AFA, não na minha região. Apesar de não ter passado, eu falei que um dia eu voltaria a realizar esse sonho de ser piloto.



Passado algum tempo, eu me formei em Turismo, fiz uma pós-graduação em economia empresarial e fui trabalhar na área do Turismo, mas sempre sonhando com a aviação. Em 2010, eu comecei o meu curso de piloto privado e em 2015 eu já estava trabalhando na aviação. Fiz todos os cursos - PP (Piloto Privado), PC (Piloto Comercial de Aviação), INVA (Instrutor de Voo), MLTE (Multimotor), IFR (Voo por Instrumentos) - e comecei a trabalhar. Atuei em diversas áreas da aviação, como executiva, instrução de voo e pilota de fábrica.

"Para conquistar tudo isso, eu sempre falava que um dia eu vou chegar lá, um dia eu vou voar..."

e graças à Deus deu certo. Tudo isso é a famosa palavra resiliência. Isso porque para ingressar na aviação a gente tem que renunciar muita coisa. Sempre estudei bastante e deixei de fazer inúmeras coisas, de ter inúmeras coisas, para poder focar nos meus cursos e ter a minha formação nessa área. É preciso coragem.

GP - Em 2018, você participou do Projeto Odisseia, que consistiu em percorrer mais de 67 mil quilômetros, ou 36.600 milhas náuticas, passando por 33 países a bordo de um Tigre Voador (Embraer E190-E2, pintado com a imagem de um tigre de Bengala). Qual foi o momento que mais te marcou durante esta jornada?

FC - Com certeza foi minha primeira decolagem pela Embraer. Eu fiz essa decolagem em Santa Helena, que é um território britânico no meio do Atlântico Sul. Fiquei entusiasmada com este momento. Certamente isso foi extremamente marcante para a minha carreira, para minha história e foi uma lição de vida.

GP - Para você, qual a melhor parte da profissão de pilota?

FC - Eu vou te falar que com certeza é conhecer. Conhecer culturas, pessoas, compartilhar histórias. Eu acho que isso não tem preço que pague. Este conhecimento, este contato com outras nações é uma parte extremamente gratificante e o

aprendizado é muito grande, é uma troca de informações e histórias enorme.

GP - Quais são os conhecimentos necessários para se destacar na profissão?

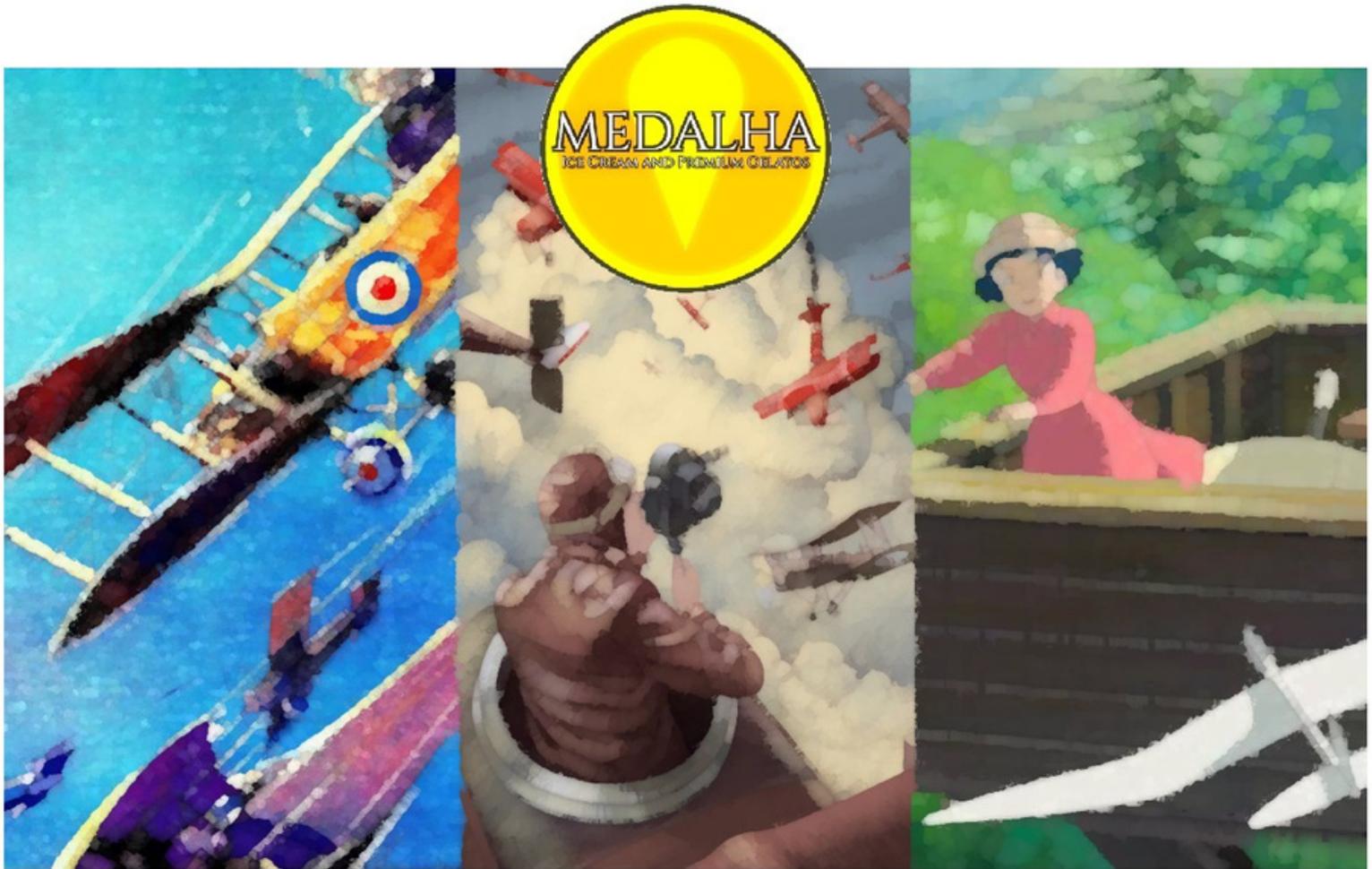
FC - Na minha opinião, eu destaco o inglês, lógica e exatas. Além disso, temos que estar saudável, porque piloto não pode ter nenhum problema de saúde. Então, tem que manter alimentação em dia, corpo são e mente sã. Outra habilidade que eu destaco é ter boas relações interpessoais. Esses são os principais pontos que nós temos que focar.

GP - Quais são os conselhos que você pode dar para quem tem o sonho de se tornar um piloto ou uma pilota de aviões?

FC - O conselho que eu tenho para dar é: sonhe, sonhe alto e sonhe muito. Mas sonhe com os pés no chão, porque todo sonho tem um preço, todo bônus tem um ônus e tudo é proporcional. Então, se você quer crescer, quer viver, quer realizar seu sonho, você vai precisar realmente de coragem, de tempo, e isso é muito dispendioso. Mas vale a pena. No final você vai olhar pra trás e ver cada batalha vencida, cada momento vivenciado e vai ver que tudo isso valeu a pena.

Se quiser saber mais sobre o mundo da aviação, a Fabíola deixou o contato dela. É só clicar ao lado, e avisar que é da Família Planck, que ela irá te responder.





NAPOLETANO: O FASCÍNIO PELO AR

O nosso estudante do Ensino Médio, Andrei Guerra, retorna as nossas páginas com um novo Napoletano, agora sobre a relação entre a 7ª arte e o mundo da aviação. Então apertem os cintos e embarquem com a gente neste fascinante mundo.

POR ANDREI GUERRA

Desde tempos imemoriais, o ser humano tem um verdadeiro fascínio pelo ar. O desejo de ser capaz de voar remonta a própria pré-História, ao observar pássaros e outras criaturas capazes de tal feito. A mitologia também mostra esse anseio, com Ícaro e Dédalo sendo o exemplo mais notável. Posteriormente, cientistas como Leonardo da Vinci e Roger Bacon se dedicaram a tentar encontrar uma resposta, uma máquina que pudesse realizar o sonho do voo.

Muitas respostas surgiram, baseadas em suas pesquisas: o balão de ar quente, o dirigível, o planador, e, por último, o avião. Com o sonho de voar agora possível, o homem continua avançando. Novas tecnologias continuam surgindo. O desejo por novos limites não se esgota.

E o cinema não poderia deixar de criar obras com esta atração como tema. Grandes dramas sobre guerras, como

Wings (1927) ou Hell's Angels (1930) são exemplos de clássicos que mostram o poderio da aviação. Thrillers de desastres criam situações tensas tendo aviões como seu principal cenário, os maiores exemplos sendo Alive (1993), Airport 1975 (1974) e Sully (2016). Já comédias como Airplane! (1980) e Los Amantes Pasajeros (2013) subvertem os elementos típicos do gênero em brilhantes e divertidas piadas. E até mesmo a animação já teve seus momentos com a aviação, sendo notáveis The Princess and The Pilot (2011) e The Wind Rises (2013). Até o famoso rato Mickey Mouse, em seu primeiro cartoon curta metragem, Plane Crazy, de 1928, é um aviador.

Assim, o cinema é mais um veículo para a tão profunda e duradoura admiração humana pelos ares. Por isso, atenção, senhores passageiros. As resenhas a seguir tratam de três filmes sobre a aviação. O comandante e sua tripulação lhes dão as boas vindas ao Napoletano N5. Este é o Vôo com destino a Hollywood, Los Angeles, Estados Unidos, com uma escala em Tóquio, Japão. O tempo de vôo é estimado em sete horas e vinte minutos. A Companhia Medalha e o Colégio Planck desejam a todos os passageiros uma boa viagem. E lembrem-se, o céu é o limite.

ASAS (1927) O PRIMEIRO ÁS



Em 1927, Hollywood fazia uma dura, mas importante transição. Naquele ano, era lançado o primeiro “talkie” (filme falado) da história, *The Jazz Singer*. Por isso, o filme mudo logo seria considerado obsoleto, e seria menos procurado pelo público. Também em 1927, outro evento marca a história do cinema: Pela primeira vez, um filme é premiado com a Academy Award, ou como se popularizou, Oscar. E a primeira obra a receber os louros de “Melhor Filme” foi *Wings*, de William A. Wellman, diretor de outros clássicos como o primeiro *A Star is Born* (1937) e *Island in the Sky* (1953).

A história é primariamente focada em dois jovens que vão para a Grande Guerra. Estes são Jack (Charles Rogers) e David (Richard Arlen), ambos pilotos. Embora comecem como inimigos devido a um interesse romântico em comum, criam um forte laço de amizade em seu tempo servindo juntos. Uma sub-história segue Mary (Clara Bow), personagem que está apaixonada por Jack, que não lhe dá atenção, e acaba como motorista na Guerra. O romance na narrativa, embora constantemente presente, é bastante básico e secundário aos aspectos épicos, e mesmo à amizade entre os protagonistas. Em adição, o filme tem elementos de postura anti-Guerra, em especial as últimas cenas, que lançam uma visão para um futuro otimista.

As cenas de ação aérea do longa são brutais, frequentes, e injetam uma espetacular vivacidade à obra. A qualidade das imagens é tamanha devido a um detalhe: as nuvens. Assim como Howard Hughes faria posteriormente em *Hell's Angels*, William Wellman esperou até que o céu estivesse nublado para gravar, pois as nuvens oferecem ao espectador uma referência para a velocidade dos aviões. Em um céu limpo, as aeronaves parecem não se mover. Além disso, a produção contou com cerca de 300 pilotos para conduzirem os aviões, e a supervisão do Corpo Aéreo (atual Força Aérea) dos Estados Unidos, que expressou satisfação com a produção. Para a batalha durante o clímax, 3500 soldados de infantaria atuaram como extras.

A conclusão sobre *Wings* é a de que o filme é um marco técnico na história do cinema. Embora tenha uma história relativamente rasa, as dinâmicas sequências de ação e os belíssimos visuais fazem do longa um verdadeiro Ás de seu gênero, uma obra atemporal para entusiastas da aviação e do cinema.

O AVIADOR (2004) A PERFEITA COMBINAÇÃO



Howard Hughes foi uma figura curiosa na história. Marcando tanto o cinema quanto a aviação, não resta dúvida do porque o lendário diretor Martin Scorsese (*Goodfellas*, *Taxi Driver*) tenha imortalizado sua história através do filme *The Aviator*. O longa-metragem que recebeu onze indicações ao Oscar, é uma verdadeira obra-prima, tanto visualmente quanto em suas interpretações.

Seguindo o magnata desde sua juventude no final dos anos 1920 até o final dos anos 1940, o filme narra algumas de suas grandes aventuras em diversas áreas, tanto pessoais quanto profissionais. Desde a arrojada (e cara) produção de *Hell's Angels* até o conturbado relacionamento com a estrela Katharine

Hepburn, o espectador acompanhará um personagem com uma moralidade questionável e uma ambição incontrolável. Mas, ao mesmo tempo, será visível a paixão de Hughes por seu trabalho como aviator, e sua dedicação inquestionável.

O elenco é de peso, e grandes atuações surgem. Destaque para Leonardo DiCaprio, que retrata Hughes em detalhe, incorpora elementos que compuseram a persona do aviator e diretor ao longo dos anos, como o forte transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e a paranóia constante. Já Cate Blanchett dá vida a Hepburn, papel que lhe rendeu o Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante. É notável a recriação da voz da estrela da Era de Ouro.

Mas, talvez, o elemento que faça o filme ser tão marcante é seu uso da paleta de cores para demarcar períodos históricos do cinema. Durante a representação do fim dos anos 1920, o longa assume uma coloração ciano e vermelha, emulando a tecnologia dos filmes em cor da época. Conforme os anos passam, as cores mudam, refletindo os avanços nos meios disponíveis. Tal criatividade rendeu a obra o Oscar de Melhor Cinematografia.

Aviator é, para os fãs de aviação, uma obra muito apreciável, com diversos momentos dedicados ao amor pelas aeronaves do protagonista. Para os cinéfilos, é uma grandiosa homenagem a uma era passada de Hollywood. É possível dizer com certeza: esta é a perfeita combinação.

VIDAS AO VENTO (2013) DEVEMOS VOAR

Quando se fala em animação, um dos nomes mais importantes é o de Hayao Miyazaki. O cofundador do Studio Ghibli criou mundos mágicos e intrigantes, como em *Spirited Away* e *Ponyo*, e evocou sentimentos simples, porém profundos em filmes como *My Neighbor Totoro*

e Kiki's Delivery Service. A verdade é que a carreira do diretor japonês é extensa e variada demais para ser resumida de maneira justa.

Porém *The Wind Rises*, pode ser seu verdadeiro Magnum opus. A belíssima animação, a história tocante e a mensagem profunda do filme fazem dele uma verdadeira jornada emocional para o espectador. Junta-se a isso saber que o filme é a despedida de Miyazaki para seu público, pois este anunciou sua aposentadoria dos longa-metragens após a conclusão da obra, para focar em curtas e mangás.

A trama é baseada em diversos materiais: o mangá *Kaze Tachinu*, de autoria de Miyazaki; os livros *Naoko* e *The Wind Has Risen*, de Tatsuo Hori; e a vida do designer de aviões Jiro Horikoshi. Assim, o protagonista realmente existiu, mas muitos aspectos de sua vida foram ficcionalizados.

Poucas histórias sobre aviadores fazem mergulhos tão profundos na mente e na alma do protagonista quanto esta. Através de diversas sequências oníricas, vemos Jiro interagindo com seu próprio subconsciente, e com seus desejos e medos. Seu herói, Giovanni Caproni (famoso engenheiro aeronáutico italiano), aparece nessas sequências, servindo como inspiração e um elemento encorajador para o personagem. Seu fascínio pelos ares, desde garoto, é gigantesco, e o filme não poupa esforços para mostrar o seu desejo e reverência.

A animação é fenomenal, como esperado das criações do Studio Ghibli. Miyazaki é famoso por ser extremamente rígido em suas empreitadas animadas, e o resultado é um traço fluido, que sopra vida ao filme. As sequências de voo e a atenção aos detalhes da engenharia aérea, mesmo nos momentos de sonho, são dignos de menções honrosas. Mas o grande trunfo do filme é a expressividade de seus personagens, que conseguem, mesmo sem palavras, evocar profundas emoções. O filme

recebeu a indicação ao Oscar de Melhor Animação, sendo a terceira ocasião em que Miyazaki foi indicado ao prêmio.

The Wind Rises é uma obra prima em todos os sentidos. Animação, história e emoção se mesclam no longa. Para os admiradores da aviação, a conexão com o protagonista através dos sentimentos em comum é garantida. A mensagem do filme, assim como sua *tagline*, é "Devemos viver". Por isso, para todos que apreciam bons filmes... Devemos assistir.



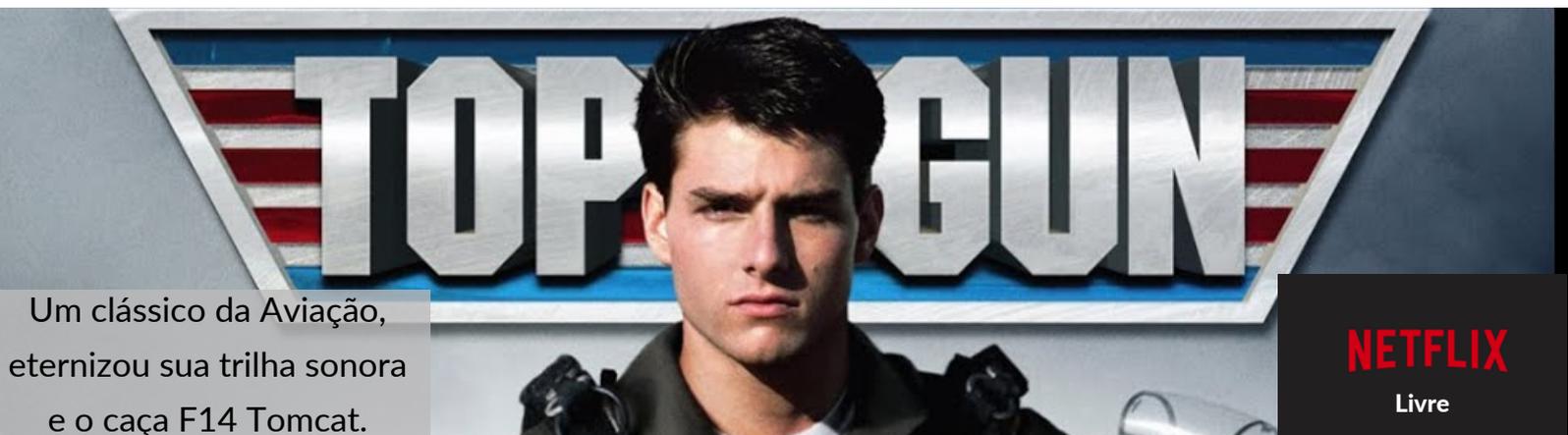
Cine Air



DICAS DE FILMES, DOCUMENTÁRIO E CANAIS



clique na imagem para acessar o vídeo na plataforma correspondente
 Utilize o celular na horizontal para melhor visualização



Um clássico da Aviação,
 eternizou sua trilha sonora
 e o caça F14 Tomcat.

NETFLIX

Livre

Sully
 O Herói do Rio Huson

Baseado em fatos reais, este
 filme conta a história de Sully,
 piloto que salvou 155 vidas.

NETFLIX

10 Anos



Amelia

TELE CINE **TELE CINE**
seu momento cinema

12 Anos

A história real de Amelia Earhart, que foi a primeira mulher a atravessar o Atlântico.

Vencedor de 5 Oscar, este drama retrata a vida de Howard Hughes, empresário, produtor de cinema e aviador.

AVIADOR



O BARÃO VERMELHO


 12 Anos

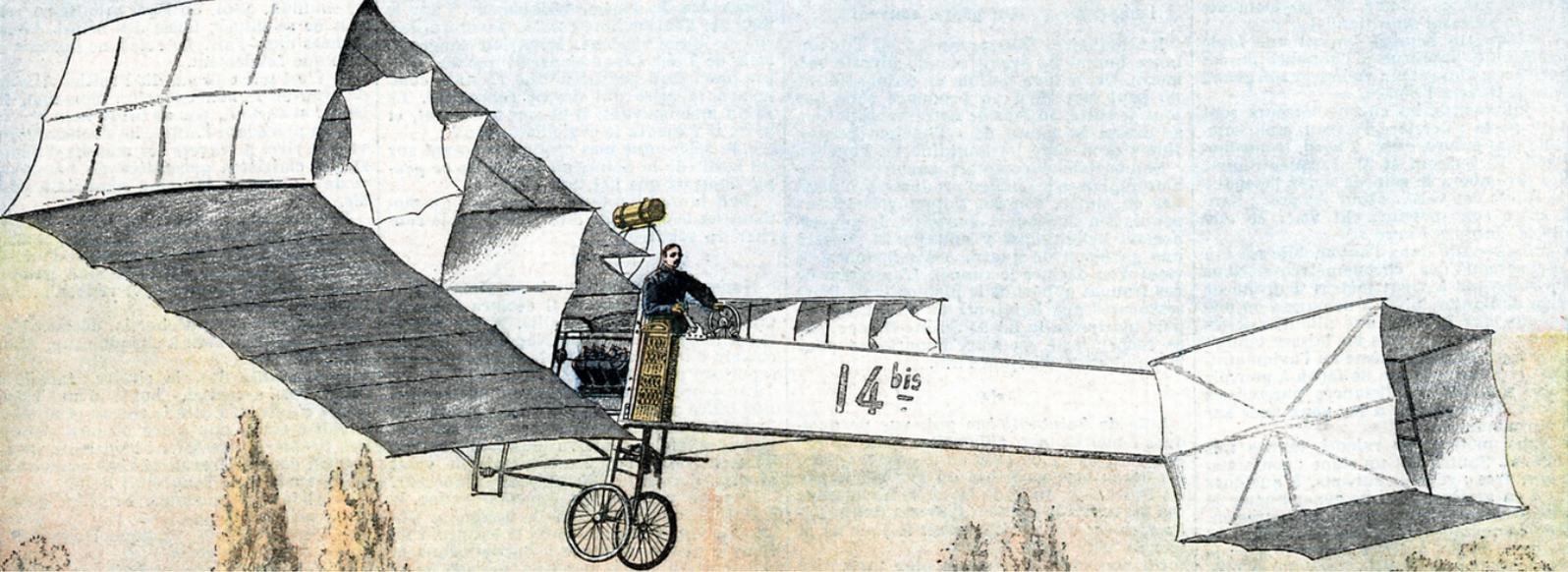
A história real de Manfred von Richthofen, o famoso piloto que ficou eternizado pelo apelido Barão Vermelho.

Santos Dumont Minissérie

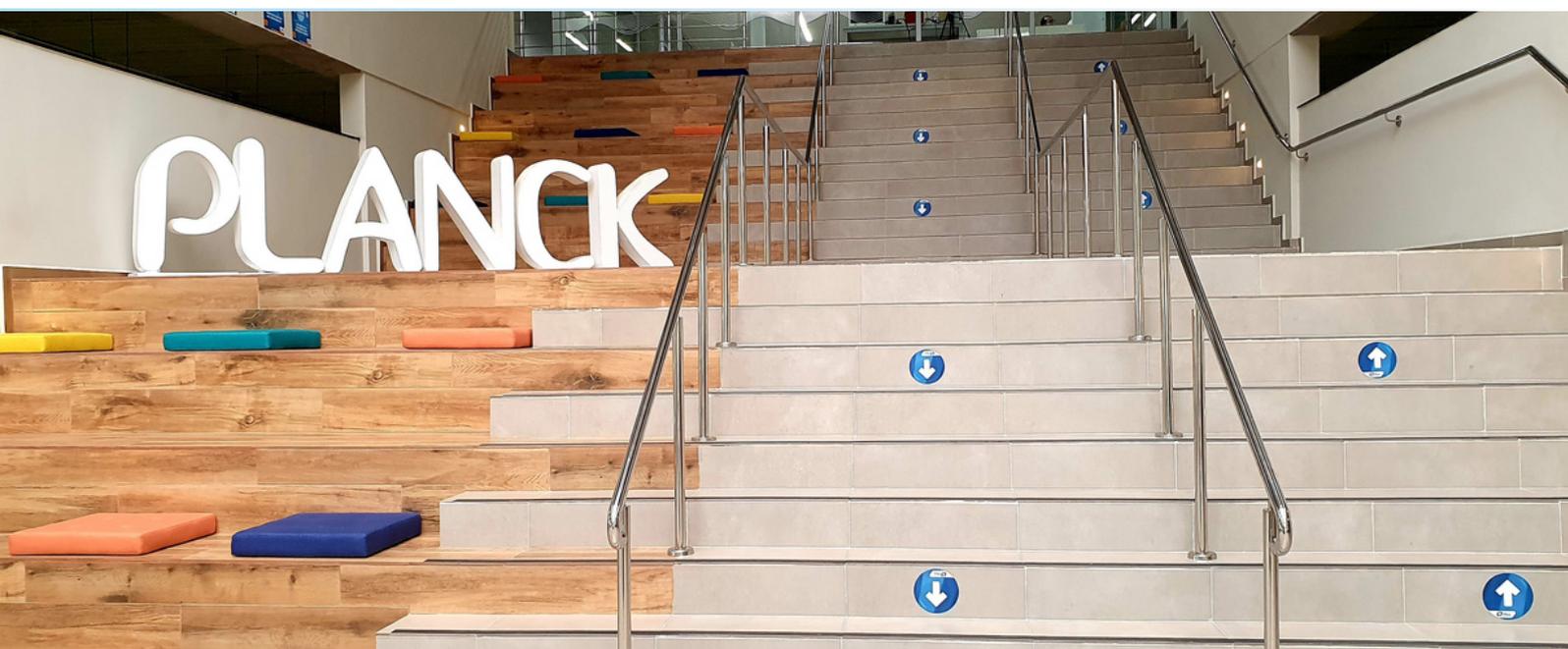
Uma super produção brasileira sobre a vida e obra do Pai da Aviação, em 6 episódios.



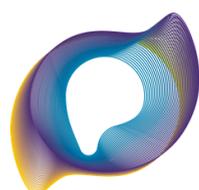
14 Anos



“Há um ditado que ensina: 'o gênio é uma grande paciência'; sem pretender ser gênio, teimei em ser um grande paciente. As invenções são, sobretudo, o resultado de um trabalho teimoso.” *Santos Dumont*



**NÚCLEO
PLANCK DE
ESPORTES**



colégio **curso**
PLANCK

Saiba mais em
www.colegioplanck.com.br

